



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III  
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**OS FEMINISMOS E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS  
CORDÉIS DE JARID ARRAES**

FRANCIS WILLAMS BRITO DA CONCEIÇÃO

Guarabira - PB

Agosto - 2017

FRANCIS WILLAMS BRITO DA CONCEIÇÃO

**OS FEMINISMOS E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS  
CORDÉIS DE JARID ARRAES**

Monografia apresentada como trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Letras, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Suely da Costa

Guarabira – PB

Agosto - 2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

C837f Conceição, Francis Willams Brito da

Os feminismos e a representação da mulher negra nos cordéis de  
Jarid Arraes / Francis Willams Brito da Conceição. – Guarabira: UEPB,  
2017.

41 p.

Monografia (Graduação em Letras) –  
Estadual da Paraíba.

Universidade

“Orientação Profa. Dra. Maria Suely da Costa”.

1. Cordel. 2. Feminismo. 3. Representatividade. I.Título.

22.ed. CDD 305.4

FRANCIS WILLAMS BRITO DA CONCEIÇÃO

**OS FEMINISMOS E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS  
CORDÉIS DE JARID ARRAES**

Monografia apresentada como Trabalho de  
Conclusão de Curso à Universidade Estadual da  
Paraíba para obtenção do Título de Licenciatura em  
Letras.

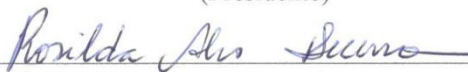
Aprovado em: 03/08/2017

**BANCA EXAMINADORA**



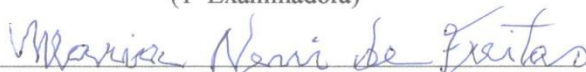
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Suely da Costa

(Presidente)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosilda Alves Bezerra

(1<sup>ª</sup> Examinadora)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Neni de Freitas

(2<sup>ª</sup> Examinadora)

Guarabira – PB  
Agosto- 2017

## DEDICATÓRIA

À minha amada avó, Maria Salete da Conceição (In Memoriam),  
a mulher que mais amei nessa vida.

À comunidade acadêmica de Letras da UEPB/Campus III, aos  
estudantes de Letras em geral, a todos os interessados na  
Literatura em questão e aos leitores dessa produção escrita.

## **AGRADECIMENTOS**

Minha gratidão a Deus que conduziu meus passos durante os quatro anos da graduação, fazendo com que, eu da tristeza tirasse alegria, da fraqueza resgatasse a força e do desânimo, ânimo.

Agradeço imensamente à minha família que me apoiou financeira e emocionalmente, em todos os momentos de dificuldades e desafios acadêmicos; agradeço aos meus pais, Márcia da Conceição Mendes de Brito e Françoaldo Mendes de Brito, pelo acompanhamento e companheirismo dispensados nessa labutável tarefa; meus irmãos também por suportarem minha vida corrida sem dar a atenção que eles merecem; Minhas amadas avós, Maria Salete da Conceição (*In Memoriam*) e Maria Lídia de Brito (*In Memoriam*) que tanto almejaram ver-me formado, mas a finitude do corpo e da saúde as levou a outro plano, restando-nos vividamente a saudade; também a todos meus parentes e irmãos da comunidade cristã que participo.

Sou grato também a minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Suely Costa, pelo cuidado acadêmico e pela gentileza prestados durante as orientações, bem como as professoras Dr<sup>a</sup> Maria Neni de Freitas e Dr<sup>a</sup> Rosilda Alves Bezerra que compõem a banca examinadora. Agradecido ao Departamento de Letras da UEPB/Campus III, Chefes de Departamento, Coordenadores de Curso, professores e Funcionários, pela disposição de atenderem bem aos discentes e prestarem o devido apoio nas realizações burocráticas da licenciatura, emissão de documentos, etc. Em especial, sou muitíssimo grato às secretárias de curso, Euda Saraiva e Marcielly Félix, por toda fidelidade à função que exercem, com todo prazer.

Expresso minha gratidão aos meus colegas de turma por me tolerarem esses anos, e me ajudarem tanto, em especial os que irão colar grau comigo: Ana Paula, Daniela Fidelis, Edjane Santana, Eleonora Raissa, Fátima Martiniano, Fernanda Ribeiro, Jéssica Pontes, Joel Cleiton, José Hailton, Rayanne Santos, Simone Santos, Thaís Karla. Finalmente, agradeço aos professores que são referências de profissional e pessoa para mim: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Wanilda Lima, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marilene Carlos, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Neres, Prof<sup>o</sup> MS. Haroldo Queiroga, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edilma de Lucena, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eneida Dornellas, Prof<sup>a</sup> Ms. Clara Vasconcelos, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gisele Oliveira (UPE), Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Expedito Ferraz (UFPB), Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daniela Segabinazi (UFPB), Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Deplagne (UFPB), Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Hermano Rodrigues (UFPB) e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Barboza (UFPB).

## RESUMO

A Literatura, no viés dos Estudos Culturais e de Gênero, assume um papel importantíssimo para convalidar os ideais de luta contra as ideologias de repressão e de preconceitos que atingem a dignidade dos negros (mais precisamente as mulheres negras), os quais legitimam sua indignação através de Movimentos Sociais, como foram o Movimento Negritude, visando a despertar a consciência negra na população afrodescendente, e o Movimento Feminista no Brasil, que luta pelo protagonismo Feminino nas esferas públicas e pessoal. Nosso trabalho objetiva construir, a partir da leitura literária do cordel, uma pesquisa de cunho bibliográfico, através de consultas e leituras teóricas de livros e textos acadêmicos, em torno dessa problemática da representação e visibilidade da mulher negra na Literatura, através do cordel “Feminismo Negro”, da escritora cearense Jarid Arraes. Além disso, fundamentaremos nossas análises em referências teóricas essenciais no âmbito das discussões acerca do Movimento Feminista, Feminismo Negro, Literatura Afro-Brasileira e Cordel, tais como Arraes (2014 e 2015), Bakhtin (2000), Bernd (1988), Bosi (2013), Carvalho e Rocha (2014), Cordeiro e Barbosa (2015), Coelho e Gomes (2015), Costa (2005 e 2008), Costa (2017), Dalcastagnè (2012), Dias (2010), Foucault (1987), Gomes e Sardenberg (2008), Gonzalez e Hasenbalg (1982), Hooks (2014), Mendes (2009), Nichnig (2009), Pinto (2014), Rozario (2011), Soares (1995), Souza e Lima (2006), Spivak (2010) e Teixeira (2008) que suscitam em seus escritos à problemática da falta de visibilidade do negro, ou mais precisamente, da mulher negra. As conclusões desse trabalho giram em torno das influências da biografia da autora, dos Feminismos e dos recursos históricos e linguísticos na escrita de Jarid para a construção da representatividade da mulher negra.

**PALAVRAS-CHAVES:** Cordel. Feminismos. Representatividade.

## ABSTRACT

Literature, in the bias of Cultural and Gender Studies, plays a very important role in validating the ideals of struggle against the ideologies of repression and prejudices that affect the dignity of blacks (more precisely, black women), who legitimize their indignation through Of Social Movements, such as the Negritude Movement, aimed at awakening black consciousness in the Afrodescendant population, and the Feminist Movement in Brazil, which fights for Feminine protagonism in the public and personal spheres. Our work aims to construct, from the literary reading of the cordel, a bibliographical research, by consultations and theoretical readings of books and academic texts, around this problematic of the representation and visibility of the black woman in Literature, through of the Cordel "Black Feminism", by the writer, from Ceará, Jarid Arraes. In addition, we will base our analysis on essential theoretical references within the framework of the discussions about Feminist Movement, Black Feminism, Afro-Brazilian Literature and Cordel, such as Arraes (2014 and 2015), Bakhtin (2000), Bernd (1988), Bosi (2013), Carvalho and Rocha (2014), Cordeiro and Barbosa (2015), Coelho and Gomes (2015), Costa (2005 and 2008), Costa (2017), Dalcastagnè (2012), Dias (2010), Foucault (1987), Gomes and Sardenberg (2008), Gonzalez and Hasenbalg (1982), Hooks (2014), Mendes (2009), Nichnig (2009), Pinto (2014), Rozario (2011), Soares (1995), Souza and Lima (2006), Spivak (2010) and Teixeira (2008) who raise in their writings to the problem of the lack of visibility of the black, or more precisely, of the black woman.

**KEYS-WORDS:** Cordel. Feminisms. Representativeness.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>OS FEMINISMOS NO BRASIL: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS.....</b>	<b>10</b>
	3.1 Breves perspectivas históricas: das origens europeias à chegada ao Brasil na década de 60.....	10
	3.2 Aspectos histórico-literários da década de 70 à atualidade: principais representantes e teses.....	14
<b>3</b>	<b>JARID ARRAES E A LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL.....</b>	<b>21</b>
	2.1 Vida e Obra de Jarid Arraes.....	21
	2.2 A Literatura de Cordel no Brasil: breves considerações.....	24
<b>4</b>	<b>O FEMINISMO NEGRO NO BRASIL: CONCISAS REFLEXÕES HISTÓRICAS E LITERÁRIAS.....</b>	<b>26</b>
	4.1 Visitando o cordel “ <i>Feminismo Negro</i> ” de Jarid Arraes.....	30
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com a difusão da história e cultura africanas, a partir da obrigatoriedade desse ensino promulgada pela lei 10.639/08, houve um crescimento na abordagem temática sobre a representação da mulher nos espaços sociais, inclusive na Literatura; assim sendo, decidimos abordar o tema “Os Feminismos e a representação da mulher negra nos cordéis de Jarid Arraes”, objetivando fomentar ainda as discussões científicas em torno da problemática da representação da mulher negra na sociedade, bem como analisar os espaços concedidos pela escritora às mulheres negras.

Esses aspectos e avanços sociais na educação para as relações étnico-raciais gerou um ponto de elucubração científica para ser a problematização do nosso corpus, tendo em vista que a área em pesquisa é a Literatura Afro-brasileira: como ocorre a construção da representatividade da mulher negra no cordel “Feminismo Negro” de Jarid Arraes, a partir de seus apontamentos históricos em relação às heroínas negras no texto literário referido e dos recursos linguísticos que favorecem a criação da perspectiva da imagem negra? Para isso, nos valem de uma alusão a sua militância de lutas sociais e de escrita engajada, das influências concretas e históricas dos feminismos e da configuração literária do cordel objeto de análise.

Escolhemos a linha de pesquisa em Literatura Afro-Brasileira, como objeto o texto em cordel “Feminismo Negro” e como problemática a representação da mulher negra no viés da Literatura. Tal escolha justifica-se a partir do esquecimento do lugar que por direito pertence aos negros, às mulheres e aos que, porventura assumam uma orientação sexual que não seja heterossexual, visando à desconstrução dos estereótipos criados sobre a vulnerabilidade dessas categorias de pessoas enquanto sujeitos de direito na sociedade democrática; a Literatura pode e deve abarcar como objeto literário ou, até mesmo, como desmanche ideológico das teorias heteronormativas, sexistas, racistas, etc.

Esse corpus tem como método de pesquisa consulta de materiais científicos e acadêmicos em torno da visibilidade da mulher negra na Literatura, na política e na cultura, sendo o cunho dessa pesquisa bibliográfico. Portanto, queremos salientar que, esse texto objetiva construir uma discussão teórica em torno dos temas abordados por Jarid no cordel “Feminismo Negro”, enfatizando o papel social relevante do negro para a construção da nossa nação, da Literatura, desembocando assim, na atuação das

mulheres nos movimentos feministas e sociais que defendem a garantia dos direitos igualitários das mulheres na sociedade e abrem alas ao seu protagonismo.

Esse material está configurado e dividido em três capítulos; o primeiro capítulo tratando sobre a biografia da autoria e da relevância da Literatura de cordel na construção da representação da mulher negra, remetendo ao protagonismo feminino da autora, traçando o percurso da vida e obra de Jarid Arraes em todo seu envolvimento na militância a favor da desconstrução dos estereótipos negativos vinculados à imagem da mulher negra; elaboramos, ainda nesse capítulo, a definição de cordel e o seu papel histórico na construção das poéticas populares na literatura brasileira.

Desenvolvemos o segundo capítulo sobre o processo histórico do movimento feminista, desde a germinação até as atuais influências dos Feminismos, enfatizando as principais militantes das fases do Feminismo e suas contribuições para a visibilidade da mulher na sociedade, bem como apresentando sua influência na Literatura de autoria feminina; o terceiro capítulo tratará sobre a presença do Feminismo Negro na escrita literária de Jarid Arraes, mostrando essa perspectiva no texto literário e enfocando as desconstruções estereotípicas em relação à representatividade das mulheres negras e o tempo histórico em que elas foram relegadas ao lugar-comum dos espaços sociais.

Nas considerações finais explicitaremos as contribuições proporcionadas pelo trabalho de pesquisa com o cordel e os resultados alcançados pelas respostas ao problema de pesquisa, que é exatamente como se dá a construção da representatividade da mulher negra no cordel “Feminismo Negro” de Jarid Arraes, a partir das perspectivas históricas dos Feminismos no Brasil. Observamos que essa construção concretiza-se através da recorrência do eu-lírico a fundamentos de biografias heroicas de cidadãs negras que militaram nos movimentos feministas, na literatura e na cultura em geral. Não apenas isso, mas há uma elaboração denunciativa presente na própria exposição das estrofes do cordel, um olhar crítico sobre a imagem estereotipada da mulher negra.

As implicações práticas resultantes das respostas teóricas dadas ao problema de pesquisa estão diretamente ligadas à diminuição das formas de preconceitos contra as mulheres nas esferas públicas e domésticas, à reconstrução da imagem da mulher negra na sociedade e na Literatura enquanto instrumento sociopolítico fundamental para construção da sociedade democrática de direito. Finalizamos com as referências que conduziram teoricamente o nosso corpus, que se concentram entre os seguintes pressupostos teóricos: Literatura de cordel, história dos movimentos feministas, o

Feminismo Negro e o material teórico que diz respeito às repressões contra as mulheres negras.

## **2 OS FEMINISMOS NO BRASIL: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS**

### **2.1 Breves perspectivas históricas: das origens europeias à chegada ao Brasil na década de 60**

O Movimento Feminista tem assumido um corporativismo enorme de adeptas das ideias de papel social da mulher, de corpo feminino e, até mesmo, da orientação sexual das mulheres, ideias discutidas no contexto dos Feminismos. Enquanto movimento de mulheres reivindicam seu princípio de autonomia política, cultural e social, tal movimento antes da década de 70, pareceu diluir-se com os demais movimentos de lutas sociais, ou as chamadas lutas gerais.

Assim sendo, como afirmam Costa e Sardenberg (2008), os múltiplos interesses de luta do Feminismo contemporâneo, como os vieses programáticos de raça, sexualidade (orientação sexual) e produção teórica feminista, por exemplo, podem dificultar a aproximação entre propostas teórico-metodológicas do movimento e a práxis feminista (militância das mulheres), sendo poucas as feministas que se identificam como ambos os eixos. Vale salientar que as propostas pedagógicas veiculadas entre os(as) adeptos(as) do Feminismo são para dar suporte intelectual para ornar as lutas e protestos contra as formas de repressão do machismo e sexismo, ou quaisquer outros meios de subalternizar a mulher.

Segundo Costa e Sardenberg (2008), as primeiras manifestações de autoconsciência e rebeldia das mulheres ao *status quo* da burguesia europeia, se deram entre mulheres que tinham a “liberdade” de transitar apenas os espaços domésticos, e ser boa mãe, boa filha e boa esposa; então, as mulheres de classe média insurgiram numa revolta, que até então, não era chamado de Feminismo. Como diz Bakhtin (2000, p.366-67): “A antiguidade nada sabia de si mesma, nada da antiguidade tal como a conhecemos agora”; Ao observarmos atualmente esses dados históricos sobre as mulheres de classe média principiando as lutas por igualdade e liberdade, é que dizemos ser a eclosão do movimento feminista, pois esse status de movimento só surgiu no século passado.

Do feminismo europeu, no longo século XIX, houve o advento de duas correntes (tendências) dentro do próprio movimento feminista: o Feminismo Burguês (Sufragista) e o Feminismo Socialista. Esse se caracterizou por ser um “movimento” reformista, com o objetivo de reivindicar uma série de reformas trabalhistas para as mulheres europeias que estavam ingressando no mercado de trabalho, no mundo fabril e das indústrias. O Feminismo Burguês ou Sufragista teve sua insurreição a partir da autoconsciência das mulheres que estavam submetidas às jornadas de trabalho gigantescas, insalubres e sem salários dignos por serem do sexo feminino; O Feminismo Burguês foi movido pela crescente industrialização na Europa do fim do século XVIII, processo industrial originado na Revolução Burguesa. Conseqüentemente, essas ideologias revolucionárias chegaram à Inglaterra e à América do Norte, nos Estados Unidos, desencadeando o que conhecemos por Sufragismo Inglês, que foi a luta das mulheres inglesas pelo direito ao voto em eleições políticas das democracias surgidas após a Revolução Francesa (COSTA E SARDENBERG, 2008).

Por outro lado, temos outra vertente dentro dessa efervescente luta feminista, o chamado Feminismo Socialista que preconiza, segundo Costa e Sardenberg (2008), que a inserção das mulheres na produção social proporcionaria a elas uma forma de independência financeira dos maridos ou de qualquer outro a quem estivessem submissas pelo patriarcalismo, bem como tirar as mulheres do isolamento do lar, rompendo a dominação masculina; e, que o Feminismo Burguês era uma façanha porque as lutas das mulheres deveriam estar aliadas ao movimento sindical dos operários. Assim, essas duas tendências permearam o cenário internacional por quase um século, quando as sufragistas nas décadas de 50 e 60, conquistam o direito ao voto e as socialistas estão envolvidas com os partidos comunistas na Guerra Fria. Esses vieses do Feminismo vão prevalecer até ao fim da década de 60, quando vem à tona o que chamamos de “O Novo Feminismo”.

O Novo Feminismo (Neofeminismo) ou Feminismo contemporâneo significa a inicialização de um largo processo de reeducação cultural, social e político-ideológico, no qual as mulheres ganham proporções e projeções de igualdade nas relações familiares, trabalhistas e humanas em geral. Conforme acrescenta as teóricas feministas acerca da principal característica do Feminismo contemporâneo, elas dizem e eu as cito:

A principal característica do Movimento Feminista Contemporâneo e que o qualifica como verdadeiramente “revolucionário”, é um movimento social que não apenas renasce, mas também cria estratégias de luta – sua práxis política – a partir da troca de experiência e vivência das mulheres, e de sua reflexão coletiva (COSTA e SARDENBERG, 2008, p.30).

A ideia de dado novo no Feminismo parte do pressuposto do teor político-ideológico abordado como proposta de práticas sociais feministas que evocam a necessidade de luta e reivindicação pela autonomia das mulheres, no que diz respeito ao protagonismo delas nas relações humanas da contemporaneidade.

O suporte intelectual, que baseia às lutas feministas, é dado por um vozeamento literário, pela escrita de poemas ou de romances, constituindo-se uma literatura de protesto para as mulheres militantes do Feminismo. As feministas lutam por esse território negado por muitos anos na sociedade e, conseqüentemente, na Literatura, que é um instrumento de difusão das ideologias feministas. Assim, dialoga conosco, sobre esse espaço sonogado às mulheres e a quaisquer outros grupos sociais, o texto a seguir:

Quando entendemos a Literatura como uma forma de representação, espaço onde os interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde. Por isso, cada vez os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com o problema do acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17).

Quando a Literatura tenta negar esse vozeamento, ela perde totalmente sua função social e política, já que o espaço dado pela Literatura às minorias funciona como uma espécie de exposição e problematização da realidade social em apreço; a escrita literária representa, simboliza ou torna fantástica uma realidade que nem sempre é transponível para determinados grupos sociais, como por exemplo: como se conduziria esse corpus se não houvesse a escrita em cordel de Jarid criticando uma realidade social, que é a visibilidade da mulher negra e sua representação na sociedade? Logo, o texto literário teve um caráter sociopolítico de denúncia, sem deixar de ser artístico e literário.

Assim, quando o Movimento Feminista chega ao Brasil, ele vem trazendo consigo esse sentimento de tristeza e insatisfação das mulheres por ter sido silenciada e privada da posição social que lhe cabia, de tal forma que o Feminismo no Brasil em pouco mais de um século passou por várias transformações de propostas no seio do

próprio movimento: foi sufragista, anarquista, socialista, reformista e até burguês. Conforme Costa e Sardenberg (2008), as mulheres já empreenderam luta no parlamento, em casa, nas ruas com o intuito de garantir o acesso delas à educação formal, sindicalização, melhores condições de trabalho, valorização do trabalho doméstico e o inalienável direito de poder sobre seus discursos e seu próprio corpo, para a satisfação das suas sexualidades.

Nesse ambiente de insatisfação das mulheres pela situação a que eram expostas, surge, também no início do século XX, mais precisamente em 1910, o Partido Republicano Feminino (PRF), que organizou uma passeata de mulheres no Rio de Janeiro, tendo vistas à emancipação feminina no que tange à política nacional, desenvolvendo campanhas de pressão social em locais públicas, para atrair a visualização do povo para o movimento das mulheres em 1917. Segundo Costa e Sardenberg (2008), esse sentimento de luta foi mais efetivo, quando houve a criação da *Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher (1919)*, que surge 1922, com a luta pelo sufrágio feminino (COSTA e SARDENBERG, 2008).

Paralelamente, nesse mesmo ano, há no Brasil a chamada Semana de Arte Moderna ou Semana de 22, que surge na eminência do notável desejo de revolucionar as artes em geral, e, dentre elas, a Literatura. Segundo os relatos da historiografia literária do Movimento Modernista no Brasil, a força motriz que impulsionou a ideia de revolução nas Artes Modernas foi a artista plástica Anitta Malfatti, em 1917, trazendo ao Brasil as ideias do Expressionismo Alemão aliada às concepções de arte futurista e cubista, predominante nos Estados Unidos no início do século XX. A exposição feita por Anitta Malfatti despertou o interesse dos intelectuais e, ao mesmo tempo, críticas por outra parte de literatos que compunham a *intelligentsia* brasileira, como foi criticada no artigo “Paranoia”, pelo escritor brasileiro Monteiro Lobato. As exposições de pintura e arte plástica, de Anitta Malfatti, foram contemporâneas ao surgimento do Partido Republicano Feminino, em 1917. Toda essa efervescência cultural em torno da exposição de Anitta Malfatti, funcionou como o estopim para o desencadeamento da Semana de Arte Moderna (BOSI, 2013).

Todo esse percurso histórico nos remete a uma inicialização do protagonismo das mulheres nas artes modernas, bem como a mulher servindo de força motriz a grupos de intelectuais, para planejar e executar a Semana de 22; e é, conseqüentemente, na

tendência modernista que aparece no cenário literário o maior número de mulheres escritoras, tanto na poesia como na prosa regionalista brasileira. Nas décadas de 30 e 40, temos a chamada “era do romance brasileiro” (BOSI, 2013), na qual aparece o romance regionalista pós-30, com Raquel de Queirós. Na poesia modernista posterior, temos figuras femininas ilustres como Adélia Prado e Hilda Hilst, com suas maestrias poéticas, mostrando as formas de transgressão e de subversão que a poesia pode abarcar na superfície do texto poético.

Na década de 50, há uma Tendência Feminista Socialista, que diluiu o as lutas específicas das mulheres nas chamadas lutas gerais por melhorias na economia, nos trabalhos e na política nacional. Então, o Movimento Feminista ficou muito nas teorias feministas dissociadas das práticas políticas e ideológicas. O Feminismo ganhou ainda menos vozeamento na década de 60, com o Golpe militar (1964). O Feminismo Burguês e os demais movimentos liderados por comitês de esquerda foram silenciados pela mordada militar do Regime Ditatorial, conforme Costa e Sardenberg (2008).

## **2.2 Aspectos histórico-literários da década de 70 à atualidade: principais representantes e teses**

Neste espaço de escrita, desenvolveremos os argumentos de pesquisa em torno da história do movimento feminista nas últimas três décadas do século XX, apontando brevemente o que se sucedeu ao movimento e as dimensões sociais alcançadas, destinando um parágrafo para abordagem de cada década; posteriormente, ainda nessa seção, abordaremos as principais representantes da militância feminista no Brasil e suas respectivas teses para expansão política do Feminismo, bem como para assegurar maior visibilidade às mulheres. Resolvemos ressaltar as carreiras de mulheres a partir dos idos de 70, para ser conciso na história e referir-nos às representantes e teses do Feminismo bem-comportado (ALICE COSTA, 2005) e Feminismo de Resistência (ALICE COSTA, 2005).

O movimento de mulheres nos anos 70 foi acalorado pela turbulência do Regime Militar que ainda estava vigente, porém esse feminismo brasileiro da década de 70 constitui-se em uma forma revisitada do Feminismo Burguês da Europa e dos EUA em meados do século XX. Obviamente, que prevalece com um alcance político maior, devido às mobilizações das mulheres consideradas marginais na política, com teses



políticas diferentes que não era o sufrágio; mas, que lutavam contra a alta do custo de vida no Brasil, pela criação de creches para os filhos se instalarem e as mães ingressarem na vida pública e pela anistia política, objetivando assim, reivindicar espaços próprios e a criação de casa de mulheres e associações para discussões coletivas das ativistas, que desejavam pautar seus planos de ações e lutas (VERA SOARES, 1995).

Nos anos 80, houve uma crescente mobilização pela conquista de frentes sindicais para as mulheres e a criação das comissões de mulheres (secretaria da mulher), lugares onde as trabalhadoras pudessem legitimar seus discursos, exporem suas angústias e propostas políticas solucionadoras do problema da dominação masculina nos postos de trabalhos; o benefício gerado pelo movimento de mulheres da década de 80, com a emergência da sindicalização feminina, foi o aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho, quer seja no âmbito do trabalho rural ou urbano, pois as mulheres passaram a desfrutar da abertura dada pelas centrais sindicais aos debates sociais acerca: segregação ocupacional, desvalorização do salário em função do sexo, ausência de infraestrutura para assistenciar as trabalhadoras gestantes e políticas de intervenção aos abusos sexuais em postos de trabalhos; segundo afirma Vera Soares (1995), essas foram as vantagens legadas pelo Feminismo na década de 80.

A última década do século XX é considerada como o estopim das lutas das mulheres, pois foi nos anos 90, que elas puderam participar dos fóruns nacionais internacionais de políticas públicas voltadas para mulheres, inclusive da Conferência de Direitos Humanos em Viena (1994), da IV Conferência Mundial da Mulher (1995) e da Conferência Mundial de Desenvolvimento e População com a participação de um grupo de mulheres organizadas pela Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos; esse período também foi marcado por profundas discussões públicas sobre: ações afirmativas, cotas mínimas para mulheres em sindicatos, desigualdade das mulheres e candidatura a cargos legislativos. Segundo afirma Vera Soares (1995), essa década ficou marcada como o auge das lutas das mulheres pelo seu bem-estar social e político.

O Feminismo bem-comportado, segundo Alice Costa (2005), refere-se ao tipo de movimento menos efervescente no que diz respeito às lutas públicas e às formas de resistências políticas, pois destinava-se ao conservadorismo das divisões de gênero e tal

tese se movia apenas na abertura de diálogos políticos entre o poder público e os movimentos de mulheres, que geralmente eram partidários ou sindicais; a figura mais importante desse eixo foi a socióloga marxista Heleieth Saffioti, que segundo Pinto (2014), apesar de não ser feminista defendeu a privação feminina como uma consequência da instabilidade política da sociedade de classes. Essa linha do feminismo prevaleceu até antes do Golpe Militar organizadamente, mas que ainda existem adeptos dessa forma de pensar (principalmente as mulheres marxistas que possuem a mesma visão sociológica de Heleieth) o protagonismo feminino no âmbito doméstico, na autonomia da mulher sem estar ligado ao pessoal, embora depois se jogue para discussão que o “pessoal é político”, o que causa a reviravolta do Feminismo de Resistência.

Conforme Alice Costa (2005), o Feminismo de Resistência foi assim denominado devido às forças de resistência permeadas entre as mulheres durante e posteriormente ao Golpe de Estado em 64. Com a ascensão das terapias psicológicas, da Psicanálise e das teorias de gênero, o terreno das sexualidades tornou-se extremamente diversificado e rompeu com as estruturas tradicionais de ethos sexual heteronormativo; as mulheres trilharam na luta contra as repressões ao lesbianismo e pela aquisição da igualdade de gênero, conquista de direito nesses meandros. Assim sendo, tivemos a participação de advogadas feministas importantes para difundir as bases jurídicas para proposta de igualdade de gênero, como Sílvia Pimentel e Florisa Verucci que apresentaram um novo projeto de lei, com reivindicações feministas, que questionava a posição do homem em ser o chefe da relação conjugal, posição que incomodava as ativistas do Feminismo da Resistência, conforme afirma Nichnig (2007).

Na historicidade do movimento feminista, os meandros e evoluções ideológicas são tratados através de uma relação harmoniosa entre história de um movimento e o que se diz, pela arte escrita, desse movimento (Literatura); mas, há uma produção literária vinculada a esse processo histórico, como por exemplo, os poemas de Gilka Machado, no primeiro livro publicado pela poetisa, “Cristais Partidos” (1915); o poema “Ser mulher”, já dá indícios da tentativa de liberdade e empoderamento discursivo da mulher, ideias feministas que já estavam chegando às Américas na metade da segunda década do século XX e, conseqüentemente ao Brasil. Segue o fragmento do soneto abaixo:

### Ser mulher

“Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada  
Para os gozos da vida; a liberdade e o amor;  
Tentar da glória a etérea e altívola escalada,  
Na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada  
Para poder, com ela, o infinito transpor;  
Sentir a vida triste, insípida, isolada,  
Buscar um companheiro e encontrar um senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto  
Para a larga expansão do desejado surto,  
No Ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e, oh! Atroz, tantálica tristeza!  
Ficar na vida qual uma águia inerte, presa  
Nos pesados grilhões dos preceitos sociais!

(MACHADO *apud* DIAS, 2010, p.98-99).

O soneto de Gilka Machado tem os dois quartetos com rima ABAB e os tercetos com rima AAB, rimas alternadas, porém simples; falar sobre o ser mulher no início do século passado era uma tarefa revolucionária, em questões de arte literária. Ressaltamos, conforme Dias (2010), que a palavra liberdade e amor não estão escritos ao acaso, pelo contrário expressam a liberdade da mulher dizer o que ela realmente é, tarefa majoritariamente legada aos homens; estão banhadas por um sentimento autoconsciente de saída da submissão exigida pela dominação masculina, sendo essa saída para o usufruto do amor, na tentativa de alcançar um “sonho superior”: viver os gozos da vida! (DIAS, 2010).

O poder sobre seu próprio discurso, sobre sua voz é legitimado como um Direito Humano básico, denominado Liberdade de Expressão, mas que foi negado às mulheres, principalmente às negras quando obedeciam silenciosamente as ordens dos que as subalternizavam. Essa visão de subalternização chega até nós via registros históricos, livros de História e, até mesmo, por meio de grupos sociais privados de vozearem seus discursos ideológicos e políticos, porém acreditam que podem denunciar a realidade social através da escrita, como afirma Mendes (2009). As mulheres, enquanto sujeitos sociopolíticos, estão inclusas nesse silenciamento e negação de território.

Temos um poema intitulado “Vozes-Mulheres” que representa, através da escrita poética, a visão de espaço de discurso negado às mulheres negras e expressa protesto;

segue um fragmento do poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, para corroborar com esse argumento:

A minha voz ainda  
 ecoa versos perplexos  
 com rimas de sangue  
 e fome.

A voz de minha filha

recorre todas as nossas vozes  
 recolhe em si  
 as vozes mudas caladas  
 engasgadas nas gargantas

A voz de minha filha  
 recolhe em si  
 a fala e o ato.  
 O ontem - o hoje - o agora.  
 Na voz de minha filha  
 se fará ouvir a ressonância  
 o eco da vida-liberdade.

(EVARISTO *apud* MENDES, 2009, p. 116).

Há, nesse poema, uma retrospectiva histórica que se inicia com a voz de mulheres familiares que ecoam no passado de várias formas: da bisavó ecoou como lamentos, da avó ecoou obediência, da mãe revolta incutida, a do eu poético ecoa versos perplexos e a voz da filha ecoa a união de todas as demais vozes, que ora tinha revolta incutida, ora era submissa; a voz da filha ecoa todos os dizeres anteriormente não ditos, ou que deveriam ser ditos, ou que quiseram dizer e não puderam; reúne em si mesma “o ontem- o hoje – o agora”, bem como a “fala e o ato”. Nota-se que as vozes que ecoaram até a do eu poético, eram vozes iletradas, que não puderam ser manifestas pela escrita, mas a partir dela, surge uma voz letra, que ecoa através de “Versos perplexos/ Com rimas de sangue/E fome”. O eu-lírico que é descritivamente feminino; não é apenas um poema de autoria feminina, mas é, também, um poema que em seus versos se constata um eu-lírico que assume sua feminilidade; outro aspecto relevante para essa discussão, é que o conteúdo do poema é “As mulheres ou as Vozes-mulheres”. Então, temos que é um poema de autoria feminina, com um eu- poético feminino que fala por si e pelas suas e com um conteúdo extremamente operante: as Vozes-Mulheres (MENDES, 2009).

A escritora Conceição Evaristo marca um momento de transição na Literatura Brasileira, visto ser ela a precursora do viés da afro-literatura brasileira, que é

concomitante ao advento do viés Feminismo Negro, iniciando uma vasta produção literária nesse arcabouço; é inviável dissociar a produção literária de Conceição da história do movimento feminista e principalmente quando se trata das lutas das mulheres negras, visto que “ao poeta é impossível fugir da história, mesmo quando compõe algo completamente diverso desta, pois suas palavras são sociais e históricas” (MENDES, 2009, p.113).

É nesse final da década de 70 que se ergue um viés mais específico no Feminismo, que é o Feminismo Negro, objeto literário do cordel em análise de Jarid Arraes; é o movimento feminista enegrecido pelo orgulho da identidade negra, amplamente versificada no cordel “Feminismo Negro”. Na concepção crítica da voz poética do cordel, o Feminismo deve ter a seguinte apropriação identitária:

Para mim, o Feminismo  
 Tem que ser escurecido  
 Tem que ter a negritude  
 Para ser fortalecido  
 Pois o Feminismo Negro  
 Tem assim prevalecido (ARRAES, 2015, p.8).

Há um fundamento que fortalece a perpetuação do Feminismo Negro, é exatamente uma base identitária negra autoafirmada constantemente. Percebemos isso, quando a voz poética diz que “Tem que ter a negritude” para que haja a certeza de continuidade das lutas de mulheres negras contra os preconceitos de cor e de gênero. A continuidade só pode ser garantida quando a negritude passa ser o status de orgulho das mulheres resilientes que estão reivindicando seus direitos sociopolíticos; Deve haver um argumento ufanista que ecoe eufonicamente, como diz Bernd (1988, p.1): “negritude é orgulho, orgulho de ser negro em um ambiente em que as pessoas persistem em agredir outros indivíduos por se diferenciarem em raça ou cor de pele”.

O viés identitário negro dentro próprio Feminismo dá uma pluralidade fenomenológica ao movimento, possibilitando denominarmos “Feminismos” ao invés de Feminismo. O que dá base para interligação entre o movimento feminista Original e as tendências progressistas ocorridas no escopo dele e o Feminismo Negro, é uma questão das lutas de protesto pela adoção de uma consciência negra pelas feministas em geral, bem como pelo desenvolvimento de uma identidade subjetiva negra. Assim, as protagonistas dessa luta, ao passo que denunciam as repressões contra a legitimidade da

negritude, também se esforçam para garantir, a partir da subjetividade da identidade, a criação de um orgulho nas mulheres que atuam em práxis políticas do Feminismo Negro; é bem e o que está evidenciado na voz poética, no fragmento do poema “Integridade”, de Geni Guimarães:

### INTEGRIDADE

20

Ser negra,  
 Na integridade  
 Calma e morna dos dias.  
 Ser negra,  
 De carapinhas,  
 De dorso brilhante,  
 De pés soltos nos caminhos.  
 Ser negra,  
 De negras mãos,  
 De negras mamas,  
 De negra alma.  
 Ser negra,  
 Nos traços,  
 Nos passos,  
 Na sensibilidade negra.  
 Ser negra,  
 Do verso e reverso,  
 Do choro e riso,  
 De verdades e mentiras,  
 Como todos os seres que habitam a terra.  
 Negra  
 Puro afro sangue negro,  
 Saindo aos jorros  
 Por todos os poros.

(GUIMARÃES *apud* SOUZA e LIMA, 2006, p.157-158).

Inicialmente, notamos uma tendência do eu-lírico em expor uma imagem da mulher negra equilibrada na “integridade” de manter-se fiel às raízes afrodescendentes, às ancestralidades de sua etnia; há, pelo menos, três pontos a serem enfatizados acerca da mulher negra neste poema: identidade, liberdade e sensibilidade. Entendemos que esses vocábulos refletem na vida das mulheres negras muito mais que a carga semântica deles; a repetição da frase “Ser negra” ao longo do corpus do poema, faz-nos entender que a identidade é uma construção ontologicamente possível a partir da aceitação das ancestralidades; A questão da liberdade é evidenciada no verso “De pés soltos nos caminhos”, remetendo à alforria das escravas, os pés livres de contrapesos que inibem a graça e o usufruto de sua perene liberdade; e, por fim, a sensibilidade (orgulho) de ser

negra em todas as esferas da vida, sem inibir “os traços” e os “passos” negros; realmente, audaz para refletir em si mesma as “negras mãos”, as “negras mamas” e a “negra alma”.

É com este poema que fazemos a transição entre a historicidade do movimento feminista e o Feminismo Negro, pois nada melhor que um texto poético e arte literária para selarem os momentos de transição quaisquer e, principalmente, quando se trata do protagonismo feminino nas lutas pela igualdade de direitos, igualdade políticas e sociais, já que a Literatura pode ter esse viés de engajamento político, para instrumentalizar as vozes femininas e feministas em protesto ao machismo, sexismo e racismo. Doravante, abordaremos sobre o Feminismo Negro propriamente dito, focalizando as diretrizes históricas e as principais influências literárias que repercutiram favoravelmente ao a expansão do movimento.

### **3 JARID ARRAES E A LITERATURA DE CORDEL**

#### **3.1 Vida e Obra de Jarid Arraes**

Jarid Arraes nasceu e criou-se em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, em 12 de Fevereiro de 1991. Ela teve sua iniciação a Literatura de cordel pela influência direta de seu avô, Abraão Batista, e seu pai, Hamurabi Batista, ambos cordelistas e xilogravadores. A cordelista encontrou na Literatura de cordel um meio de alçar sua voz de protesto contra o racismo, sexismo, heteronormativismo e as demais formas de repressão à dignidade da mulher lésbica e negra, que sofrem os danos mais nocivos de mentes misóginas que legitimam e perpetuam os preconceitos de raça e orientação sexual com as mulheres.

Conforme as informações coletadas no blog da autora, Jarid Arraes, seu interesse em escrever sobre mulheres foi resultante de uma lacuna percebida ao ler a Literatura brasileira e perceber uma forma de esquecimento perpetuado pela predominância de escritores homens; sua preocupação aumentou ainda mais quando ela averiguou as autoras que havia na Literatura e em outras áreas de conhecimento e notou um baixo índice de visibilidade das escritoras negras. Foi a partir de então, que ela decidiu escrever sobre mulheres negras que marcaram a História, Cultura e a Literatura do Brasil, com participação em blogs (blogueiras feministas e blogueiras negras) para efetivar a contribuição dessas para a construção da história e identidade nacionais.

Jarid possui um vasto engajamento nas lutas sociais e militância das mulheres feministas e negras, tendo um notório protagonismo em difundir os valores e a dignidade da mulher na sociedade contemporânea; participou do *Pretas Simoa* (Grupo de Mulheres Negras do Cariri), FEMICA (Feministas do Cariri) fundado por ela, ONG *Casa Lua* até o fechamento da instituição. Atualmente, a escritora reside em São Paulo, onde coordena o Clube de escrita para mulheres, projeto gratuito que desde 2015 vem contribuindo para o despertar de inúmeras mulheres para o encorajamento da atividade de escrita, a partir de encontros e interação periódicos com a cordelista.

Desde o seu primeiro título, “*Dora: A Negra e Feminista*”, a cordelista se viu responsável por não apenas representar, mas atribuir vez e voz aos grupos excluídos da Literatura Brasileira, e hoje ela é uma militante incansável na luta dos direitos raciais e da diversidade de gênero. Também participa da revista Fórum como colunista, autora de mais de 60 títulos em cordel, estudante de psicologia e feminista. Ela publicou recentemente “*As Lendas de Dandara*”, livro imensamente importante para o enaltecimento histórico de nossas mulheres negras e guerreiras: dez contos ficcionais sobre a quilombola Dandara dos Palmares, conhecida como companheira de Zumbi dos Palmares.

Vale salientar que Jarid é escritora e, ao mesmo tempo, objeto do próprio texto literário, por três fatores: por ser mulher, negra e feminista, mostrando-nos a relevância da escrita literária feminina negra para dar um vozeamento digno e político às mulheres, enquanto forma de protesto ao tempo de mordança e silenciamento a que foram submetidas ao longo da formação da nação brasileira, desde as formas mais rústicas de agressão às negras (escravidão e abuso sexual das escravas), até as atuais formas de bullying racistas e sexistas que vitimizam as mulheres negras que assumem orientação sexual diferente da pregada pelo convencionalismo patriarcal-cristão.

Além disso, ela veicula em seus cordéis eixos temáticos transversais na sociedade contemporânea, como o aborto, propondo um novo vislumbre jurídico que ampare a legalidade do aborto, para as mulheres vítimas de crimes de estupro\*. Ela

---

\* O aborto em casos de estupro é considerado como constitucional, visto que viola direitos humanos da vítima, embora haja pensamentos religiosos ou cristãos que não apoie o aborto em ocasião alguma, a não ser em casos de risco de vida para a gestante; mesmo assim, não é uma prática aceitável pelo público cristão. Como o Estado Democrático de Direito é laico, Jarid Arraes no cordel “Aborto” reivindica políticas públicas em assistência e saúde para as mulheres que desejem incorrer nessa prática, nos parâmetros jurídicos ou de violação da livre vontade.



reivindica políticas públicas de prevenção ao estupro, bem como um aparato de saúde que dê suporte e dignidade as mulheres vitimadas. Assim sendo, ela rebate a ilegalidade do aborto e preconiza feitos políticos e legislativos que mudem a situação estimativa de mulheres mortas no Brasil por essa causa. Jarid também elenca, em seus cordéis, questões relacionadas aos gêneros, homoafetividade, Movimentos e posicionamentos da população LGBT da forma mais natural possível, retirando o tabu social desses temas e acrescentando a maestria da arte poética ao tratá-los em seus cordéis.

Arraes já tem uma considerável produção escrita não apenas em cordel, mas também artigos científicos, livros e publicações em periódicos. Em cordel já produziu 60 títulos, mas queremos ressaltar alguns que são leituras imprescindíveis a quem deseje seguir nos estudos feministas, da representação da mulher e no heroísmo feminista: os cordéis biográficos – *“Tereza de Benguela”*, *“Luiza Mahin”* e *“Dandara dos Palmares”*, *“Tia Simoa”*, entre outros; os cordéis feministas, como *“Dora: a negra feminista”* e *“Feminismo Negro”* e *“Nêga Braba”*; cordéis LGBT: *“bia é bi”*, *“Chica gosta é de mulher”* e *“Travesti não é bagunça”*; cordéis infantis: *“Os cachinhos encantados de princesa”*, *“A boneca preta de Juju”* e *“A bailarina gorda”*; os cordéis lendários: *“O caçador e o rato”*, *“O macaco e o tambor”* e *“Mãe corajosa”*.

Mesmo discorrendo o parágrafo acima sobre uma visão mais genérica acerca da produção em cordel de Jarid, queremos destinar esse espaço do corpus para tecermos um breve comentário sobre três cordéis da autora – *“Não me chame de mulata”*, *“Corpo Escuro”* e *“Nêga Braba”* -- com o objetivo de estabelecermos uma relação entre o que elencamos sobre a história do cordel e a produção literária de Arraes, com ênfase na estrutura poética dos mesmos e nas ideias expostas artisticamente pelo eu-lírico.

O cordel *“Não me chame de mulata”* é composto por vinte e oito estrofes septílicas, musicadas por rimas pobres mistas do tipo ABCBDDDB. No poema em cordel, o eu-lírico expressa um indignação pelo uso do vocábulo “mulata” e expõe uma crítica ao termo, recorrendo à etimologia da palavra, que está associada à animal (mula); ele também relembra, com crítica, um fato histórico do Período Escravista, em que os senhores da casa grande abusavam das escravas, gerando mistura; na verdade, o que há no emprego do termo é uma forma de racismo subentendido, é um branqueamento desnecessário à identidade negra dos afrodescendentes. “Mulata” tem uma carga

semântica muito estúpida, todavia a carga histórica que o termo carrega é muito cruel, de passado de abusos e exploração das mulheres negras.

Em “*Corpo Escuro*” há trinta e três estrofes septilhas, com rimas pobres mistas, no formato ABCDEED; a autora, por meio da voz poética do cordel, apresenta um contraponto entre duas personagens, Jana e sua mãe, Tereza; essa aceita naturalmente suas origens, sua identidade negra; aquela, por outro lado, recorre a processos de branqueamento da pele e de transformação de crespo do cabelo, mostrando uma falta de autoaceitação étnica. Contudo, a figura de Jana no cordel não é apenas uma negra que não se aceita querendo mudar sua cor, é uma crítica aos processos de branqueamento da sociedade contemporânea e um apelo para o rompimento das estruturas sociais programadas para reproduzir as formas de preconceito de cor.

O cordel “*Nêga Braba*” possui vinte e nove estrofes sextilhas, marcadas por rimas pobres interpoladas em ABCBDB. Conta-se poeticamente a história da protagonista que dá nome ao cordel, Nêga Braba, que com valentia luta pela sua liberdade discursiva e empoderamento das mulheres negras, que milita arduamente contra o machismo, disposta até a “arrumar confusão” pelo seu bem-estar. Ela se diz boa de discurso ideológico, apta para argumentar a favor de si mesma e do povo, “Sendo muito agressiva” (ARRAES, 2015, p.8) quando se trata de violência e atentado contra liberdade humana, direito inviolável; a denúncia expressa nesse cordel gira em torno do mascaramento feito quando as repressões acontecem com mulheres caladas, pois isso gera a perpetuação das ações delituosas, sexistas e machistas.

### **3.2 A Literatura de Cordel no Brasil: breves considerações**

Inicialmente, faz-se necessário, antes de adentrarmos na relevância da Literatura de cordel, expormos a definição recorrente do gênero cordel; o texto em cordel está majoritariamente associado à poesia feita para ser cantada ou recitada, banhada em uma linguagem menos acadêmica possível e destinada a um público receptor dito massivo, que geralmente se encontra dentro da superfície do cordel devido às marcas idiossincráticas do meio social que esse público está inserido, como por exemplo: os leitores de cordel, geralmente, identificam-se com a leitura porque no próprio texto circula tradição, memória e histórias totalmente vinculadas à ancestralidade desses leitores. Todavia, há um pressuposto de concepção do cordel mais abrangente, visto que tange formas de difusão artístico-literárias ditas populares, como afirma o texto abaixo:

O cordel é, antes de tudo, uma parte das poéticas das vozes criadas e transmitidas por meio de uma multiplicidade de gêneros: cantoria, embolada, repene, coco, aboio, entre outras manifestações. Quando se fala em cordel, refere-se em especial à poesia popular impressa, e os folhetos são, tradicionalmente, os suportes que estabelecem a materialidade dessa poesia (LUCENA, 2010, p.11).

Assim sendo, consideramos que o cordel integra-se ao conceito de intergenericidade, pois possui múltiplas formas de difusão e que essas também são gêneros que servem como materialidade para difundir as vozes poéticas marcadas principalmente pela oralidade, memória e pela tradição dos povos; nesse caso, os folhetos configuram-se apenas como mais um meio de difusão do cordel, que por sinal tornou-se o mais comum e aceito entre os leitores da Literatura em cordel, devido à inclinação da sociedade contemporânea pelos registros escritos e por associar literatura apenas à arte escrita.

Os folhetos que, até então, só eram difundidos unicamente pela voz de seus poetas, com a chegada da Imprensa Régia em 1808, passou a ter um suporte material escrito, chamado de folhetos, que passou a ser o nome oficial do gênero cordel no século XIX (LUCENA, 2010). Historicamente, a chegada da família real portuguesa ao Brasil marcou um momento de transição cultural, pois trouxe consigo um pouco das novidades culturais europeias nas artes, inclusive o que se denominou cultura da escritura (valorização das artes escritas em detrimento das orais). Logo, isso significou uma boa recepção dos folhetos, até mesmo para os autores do Romantismo Brasileiro que diariamente publicava partes dos seus romances nos “folhetins” circulantes e os leitores tinham a oportunidade de acompanhar os capítulos como a novelas.

O que hoje nós denominamos e reconhecemos como cordel, recebeu durante muito tempo outras designações, como por exemplo: romance, livro de feira, folhetos, etc. Nem sequer circula entre a mentalidade popular o vocábulo cordel. Essa nomenclatura popularizou-se a partir da década de 60, para referir-se a esse gênero poético (LUCENA, 2010). Isso é relevante porque nos traz uma perspectiva sobre a aceitação da expressão cordel no campo da literatura brasileira e principalmente, pelos nordestinos, que se apropriaram explicitamente dessa moldura literária.

A chegada oficial do Cordel no Brasil no século XVI, concomitante à chegada dos portugueses, sendo uma literatura contendo muitas marcas do tradicionalismo, memória e costumes, bem difundidos na mentalidade popular nordestina; o cordel estava, até o final do século XIX, ligado aos cantos, quando em 1893, Leandro Gomes

de Barros aparece no cenário cordelista paraibano, com essa Literatura no âmbito da escrita literária. Assim, com a Revolução de 1930, houve uma celeridade maior da produção cordelística, até mesmo para divulgar o cenário político resultante desse episódio histórico (TEIXEIRA, 2008).

A partir de 1950, houve uma grande imigração dos nordestinos para as regiões Sul, Sudeste e Centro-Sul do Brasil e, conseqüentemente, junto a essa diáspora dos jagunços, tiveram a difusão dos cordéis para outras regiões, além do Nordeste brasileiro; Logo, os cordelistas passaram a vender mais compulsivamente suas produções literárias, pois os grandes centros urbanos começaram a consumir essa Literatura dita popular; entretanto, no final da década de 60, houve uma crise que atingiu a venda e produção da poesia de cordel e, em 1970, retomou as produções e vendas, por uma maior procuração acadêmica do gênero.

As décadas de 80 e 90 seguiram com boa ênfase a essa Literatura da oralidade, sendo que na primeira de década do século XIX, tivemos o aparecimento de Jarid Arraes, que ousou escrever sobre negritude, sobre as mulheres e políticas públicas de acobertamento dos direitos legítimos da população feminina, bem como, cordéis que apresentam uma voz poética consciente da identidade que fala dos interesses pelos quais luta e dos multissignificados culturais da afrodescendência.

Ressaltamos a relevância denunciativa da Literatura de cordel enquanto forma de propagar as políticas de vozeamento das mulheres negras, que são vitimizadas constantemente pelas repressões raciais, sexistas e machistas; no entanto, nem sempre houve essa convergência quanto à funcionalidade da poesia de cordel, pois se tinha em mente que a Literatura de cordel servia apenas para abarcar os interesses políticos dos pobres e das minorias, enquanto a Literatura dita erudita atendia aos interesses políticos da classe burguesa, gerando assim, um preconceito contra a circulação da poesia popular.

#### **4 O FEMINISMO NEGRO NO BRASIL: CONCISAS REFLEXÕES HISTÓRICAS E LITERÁRIAS**

O Feminismo Negro, segundo afirma Vera Soares (1995), iniciou com as mulheres negras trazendo ao feminismo branco a discussão sobre raça, gênero e classe, favorecendo a criação desse viés dentro do próprio Movimento Feminista; houve a promulgação da construção de um novo sujeito social – a mulher negra – que legitima

sua entrada na militância sugerindo uma visão distinta entre mulheres e mulheres negras, conforme o texto abaixo:

As mulheres negras, ao criarem suas formas próprias de organização, têm mantido relação educativa com o Feminismo, enfocando as questões das diferenças entre negras e brancas. A construção desse sujeito – as mulheres negras – trouxe maior complexidade e exige o reconhecimento das profundas diferenças culturais nas práticas das mulheres (VERA SOARES, 1995, p.45).

Esse reconhecimento da diversidade cultural feminina pode ser construído a partir de reflexões em torno da produção histórica da nossa própria diversidade nacional, visto que há uma pluralidade étnica na formação do Brasil, passando pela cultura e pela religião. As práticas de aceitação da diversidade étnica dentro do próprio Feminismo foram à pauta para diálogos desde o início da década de 70 sorrateiramente, mas que teve o auge na década de 90, com exposição das chamadas ações afirmativas e cotas políticas para as mulheres, no Feminismo da Resistência. Nessa linha do movimento, temos as feministas negras Lélia Gonzalez, que iniciou as discussões sobre o mercado de trabalho, saúde e educação para as mulheres negras e a filósofa Sueli Carneiro, que mobilizou um discurso emergente, chamado de “Enegrecendo o Feminismo”, ambas despontaram no final da década de 70, segundo afirma Carvalho e Rocha (2014).

O Feminismo Negro no Brasil e suas particularidades nos âmbitos histórico e literário teve a importante contribuição do Movimento Feminista no Brasil, pois foi no escopo interior deste, que as mulheres negras encontraram subsídios, teorias e respaldo para principiar as reivindicações e lutas das mulheres negras. Assim, elas, dentro desse ambiente, se redescobriram como mulheres, e não apenas isto, mas conseguiram, a partir de então, ressignificar a importância de serem negras para transformar a mentalidade colonial de uma sociedade altamente europeizada.

Os versos iniciais do poema em cordel “Feminismo Negro” apresenta-nos uma noção histórica acerca do surgimento do movimento, no trecho:

Lá pras banda de 70  
 Já bastante pro final  
 Se ergueu um movimento  
 No seu tempo germinal  
 Foi o Feminismo Negro  
 Para Luta Social (ARRAES, 2015, p.1).

Os encontros, seminários e congressos\* realizados pelo movimento feminista deram às mulheres negras a oportunidade de expor ao público as dificuldades enfrentadas por elas e fazer do nosso território uma espécie de arena sociopolítica para aquisição de direitos igualitários junto à parcela majoritária da população, e assim preconizarem as desigualdades sociais que passavam e, ao mesmo tempo, anunciar novas propostas sobre a convivência como os novos desafios das questões de gênero (DAMASCO *apud* COELHO e GOMES, 2015).

Assim sendo, as mulheres ativistas do Feminismo Negro passaram a assumir a sua negritude e sua ascendência miscigenada, autoafirmando-se negras a partir da tomada de consciência dessa identidade. Esse processo identitário é altamente subjetivo, conferindo às mulheres negras uma espécie de “Renascimento negro”, com o foi no Harlem, com a difusão nos EUA de propostas culturais de afroamericanidades. Houve, nesse período posterior à Primeira Guerra Mundial uma preocupação em vincular a identidade negra e a recusa ao colonialismo ao movimento popular contra alienação da população negra (BERND, 1988).

Contudo, essa efervescência chega ao Brasil apenas a partir da década de 60, momento em que se internacionaliza a ideia de que os países deveriam se engajar no movimento de libertação das colônias africanas, muito embora tenha sido inviabilizado pela repressão da Ditadura Militar; mesmo assim, com poucas forças o movimento feminista negro foi corporeificando-se, à medida que o tempo passava e foi a partir da década de 80 que o Feminismo Negro explode como movimento nacional. Logo, a missão ganha adeptos de todas as partes, inclusive no âmbito da Literatura que, entre as décadas de 80 e 90, faz vigorar prerrogativas sociais com a escrita literária feminina, a exemplo das escritoras Conceição Evaristo<sup>1</sup>, Cristiane Sobral<sup>2</sup> e Miriam Alves<sup>3</sup>, que iniciaram escrevendo para os Cadernos Negros.

---

\* Trata-se de eventos elaborados pelo engajamento das mulheres em ambientes acadêmicos, motivados a partir da reivindicação das mulheres negras do Feminismo da Resistência, que postulou a diferença entre mulher e mulher negra, destacou as ações afirmativas e as cotas públicas para mulheres; esses eventos tiveram maior ênfase na década de 90 e as feministas participaram da Conferência de Direitos Humanos em Viena (1994), da IV Conferência Mundial da Mulher (1995) e da Conferência Mundial de Desenvolvimento e População com a participação de um grupo de mulheres organizadas pela Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos (SOARES, 1995).

<sup>1</sup> Maria da Conceição Evaristo de Brito é mineira, nascida em 29 de Novembro de 1946; é graduada em Letras pela UFRJ, mestra em Literatura pela PUC-RJ com a dissertação “Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade” e doutora em Literatura Comparada pela UFF. Após a sua tese, ela concentrou sua carreira científica em averiguar produções literárias de autores africanos de Língua Portuguesa em

Vale ressaltar que a base que fundamenta o Feminismo Negro é a identidade negra assumida pelas mulheres, na qual elas asseguram ideologicamente sua postura afirmativa de que é negra, independentemente da tonalidade de pele (DAMASCO, MAIO e MONTEIRO, 2002). Entretanto, podemos notar que aconteceu exatamente ao contrário na vida da personagem Dora, no cordel “*Dora: A negra e feminista*”, quando Arraes afirma:

E Dora seguiu a vida  
 Mas queria se matar  
 Odiava ser quem era  
 O cabelo ia alisar  
 Ser preta era um fardo  
 Que não podia aguentar (ARRAES, 2014, p.3).

O cordel critica a questão da não aceitação dos componentes fenotípicos (a cor da pele e o crespo dos cabelos, por exemplo) que marcam a composição da identidade negra e narra poeticamente a história de Dora que foi violentada pelo namorado e ficou deprimida, isolada e sendo constantemente alvo de bullying, conforme o verso “Puxavam nela seu crespo/ Na bunda davam lapada/ Chamavam até de puta”. Esses fatores negativos levaram Dora a desejar negar os componentes de sua identidade, “O cabelo alisar”, o desejo de morte notado no verso “Mas queria se matar”. Porém, há uma guinada na história de Dora, pois ela encontrou mulheres negras que foram heroínas na história, muito embora “Na revista que pegava/ Também na televisão/ Só tinha lá gente branca”; ela encontrou modelos estéticos negros que vislumbravam um ideal de protesto, nos versos:

Mas pra alegria de Dora  
 A lista era bem grande  
 Luísa, Dandara, Sueli  
 Só mulher muito importante  
 Do passado e do presente  
 Com força preponderante (ARRAES, 2014, p.3).

---

diálogos com a Literatura Afro-brasileira; Além de sua produção acadêmica, a autora conta com uma vasta produção literária em poesia e prosa, que, inclusive, foi publicada em editoras e nos Cadernos Negros (DIONÍSIO *apud* CORDEIRO e BARBOSA, 2015).

<sup>2</sup> É escritora afro-brasileira que sempre traz em seus escritos uma forma literária de resistência, reivindicação e protesto. Cristiane Sobral é de Brasília e denomina sua escrita como literatura negra, sem a suavização da configuração afro-brasileira. Além de poeta, é atriz e professora, iniciando sua carreira como a peça teatral “*Uma boneca no lixo*” (1999). Sobral acredita que o protesto é a manifestação mais contundente da escrita negra (JULIANA COSTA, 2017).

<sup>3</sup> Miriam Alves é poeta, dramaturga e prosadora paulista. Ela inicia sua carreira literária com a publicação de alguns de seus poemas e contos na série Cadernos Negros em 1982; tem publicação teatral em parceria com Oswaldo de Camargo e Luiz Silva (Cuti) – a obra “*Terramara*” (JULIANA COSTA, 2017.)

Com essa reviravolta, Dora é estimulada a afirmar sua identidade, que havia sido desconsiderada por fatores externos como: violência sexual, estigmatização dos padrões de beleza predominantemente brancos, bullying e preconceitos raciais. Podemos verificar essa tomada de consciência negra nos seguintes versos:

Dora então ganhou coragem  
Sua identidade encontrou  
Cortou a raiz do medo  
E em mulher se transformou (ARRAES, 2014, p.5).

Logo, podemos inferir que o discurso poético representado no poema “Dora” acaba por chamar a atenção para três fatores importantes na luta contra as formas de discriminação e construção de uma identidade positiva da mulher negra, tais como: educação multirracial, a autoafirmação da identidade negra e a tomada de consciência, como afirma a professora Zilá: “Considero, contudo, positiva uma negritude que, estruturando-se na noção de partilha de um mesmo passado histórico, congrega os indivíduos em torno da reafirmação dos valores negros sem excluir o combate político” (BERND, 1988, p.40).

#### **4.1 Visitando o cordel “Feminismo Negro” de Jarid Arraes: representatividade da mulher negra**

Inicialmente, optamos por fazer um levantamento estrutural do cordel, objetivando contribuir com a análise, relacionando forma e conteúdo do texto literário abordado; ele possui 28 estrofes, todas com seis versos (sextilhas) e, predominantemente, hexassílabos (heroicos quebrados), com rima em ABCBDB (interpolada em B).

A superfície do texto literário apresenta Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro como militantes exemplares do Feminismo Negro (ARRAES, 2015, p.3), quando o eu-lírico faz um levantamento histórico de mulheres que escreveram (escrevem) assumindo uma identidade negra e reivindicando um vislumbre maior sobre a produção das mulheres negras. Todavia, o protagonismo das mulheres negras não se resume à participação de Lélia e Sueli, segundo podemos perceber na estrofe abaixo:

“Essas duas e mais outras  
Se puseram a produzir  
Vários textos e artigos  
Sempre assim a discutir  
Como era a mulher negra  
Pras demandas garantir” (ARRAES, 2015, p.3).



Para garantir que as demandas reivindicadas seriam atendidas e postas em pauta pelo poder público, houve o envolvimento de médicas (Ana Maria Costa, por exemplo), escritoras e militantes em geral, como Luiza Bairros e Bertha Lutz, conforme cita Damasco, Maio e Monteiro (2002). O Feminismo negro consiste em um movimento de desconstrução da ideia de que o “Feminismo” é uma forma de agrupamento, sem preconceitos ou exclusão, de mulheres empenhadas para lutarem pela causa comum: o protagonismo feminino na sociedade, aquisição de direitos peculiares, quebra do protocolo patriarcal, etc. Conforme Bell (2014), o Feminismo Negro não se configura exatamente assim, mas caracteriza-se por ser um viés dentro do próprio Feminismo tradicional. Corrobora com nossa ideia o fragmento abaixo:

A forma das mulheres serem classificadas como um grupo oprimido debaixo de programas de ações afirmativas que perpetuavam ainda mais o mito que o estatuto social de todas as mulheres na América é o mesmo; a forma dos programas de estudos de mulheres são estabelecidos com toda faculdade branca de ensinar Literatura quase exclusivamente por mulheres brancas sobre mulheres brancas e frequentemente com perspectivas racistas; a forma de mulheres brancas escreverem livros que dão sentido à experiência da mulher americana quando de facto concentram apenas a experiência da mulher branca e finalmente a forma do debate interminável se o racismo é ou não uma questão feminista (HOOKS, 2014, p.88).

Quando observamos a citação acima, percebemos que há uma necessidade de reflexões teóricas em torno do Movimento Feminista, principalmente quando se trata de discussões feministas anteriores a década de 70; é isso que está sendo questionado e criticado por Bell Hooks no fragmento citado. Assim, quando Jarid aborda sobre o Feminismo Negro em sua produção de Cordel, ela está realmente enfatizando a necessidade de não se ocultar esse eixo temático que abrange a identidade negra das mulheres dentro do próprio Feminismo. Mesmo que, no cerne do Movimento Feminista haja a preconização do protagonismo social da mulher, a valorização dos papéis femininos e do lugar dela na sociedade, ele deixava implícito o lugar da mulher negra e ressaltava o valor da branca, como vemos no próprio cordel:

Só tinha um problema  
Complicado de enfrentar  
Pois o tal do Feminismo  
Teimava em representar  
Só as brancas estudadas  
Sem do racismo lembrar (ARRAES, 2015, p.1)

Em partes, perpetuava-se a ideia apresentada por Gilberto Freyre ao afirmar que o elevado nível de miscigenação da população brasileira gerou uma espécie de “democracia racial”, ou seja, não há discriminação racial; o que há, na verdade, é uma desigualdade entre as classes, onde predomina a influência dos que possuem educação, riqueza, ocupação e produção de trabalho (GONZALEZ e HASENBALG, 1982).

O conceito de Feminismo e seu objetivo são apresentados por Arraes, na segunda estrofe do cordel:

Se você inda não sabe  
O que é o Feminismo  
Te explico bem ligeiro  
Pra não ter charlatanismo  
É a luta das mulheres  
Com fim de protagonismo (ARRAES, 2015, p.1).

O conceito de Feminismo tange a noção de luta social pela conquista de direitos essenciais para inserção da mulher na sociedade, e principalmente os direitos que assistem a liberdade da mulher negra, justamente devido à subalternização da raça, que se perpetua na mentalidade humana desde o século XVII, com a “ideologia da barbárie”, que justificava a subalternização do negro por um aspecto religioso, supondo uma espécie animalização do negro. Podemos ver isto no fragmento: “É impossível supormos que tais gentes (os negros) sejam homens, pois, se os considerássemos homens, começaríamos a acreditar que nós próprios não somos cristãos” (MONTESQUIEU *apud* BERND, 1988, p.12-13). Isto pode ser notado no texto literário:

Pois enquanto mulher branca  
Por emprego batalhava  
A mulher que era negra  
Já há muito labutava  
Desde a vil escravidão  
Ou limpando chão de casa (ARRAES, 2015, p. 2).

Enquanto em Montesquieu há uma subalternização ontológica, uma pretensa diminuição na dignidade do ser da pessoa negra, Jarid ressalta, nessa estrofe, um tipo de subalternização funcional, em que são designadas às mulheres negras tarefas ou papéis sociais que não são delegados às “brancas e estudadas”. Entretanto, é quase impossível distinguir entre subalternização ontológica e funcional, já que são interlineares, embora aquela atinja a dignidade da pessoa humana e essa afete a liberdade da atuação social da mulher; ressaltamos ainda, outro fator negativo: A subalternização ontológica ou funcional é motivada pela subalternização genérica (subalternização propriamente dita,

sem que haja um viés específico, como ontológica ou funcional), que atribui uma superestrutura ao condicionamento dominador (que pode ser a cor, a questão da dominação nas classes sociais) ao passo que, reduz à infraestrutura o condicionamento dominado (pessoas ou estruturas sociais menos produtivas, que não atingem à motorização e agilidade do sistema produtivo) taxado como menor ao longo do tempo (SPIVAK, 2010). Logo, a partir dessa visão, o negro é, por um processo histórico discriminador, subalterno ao branco.

A décima quarta estrofe traz vocábulos que designam práticas repressivas, que possuem uma carga semântica muito degenerativa e se contrapõem as perspectivas e horizontes do movimento feminista na resistência aos meios de subalternização das mulheres negras:

Outro ponto sem conforto  
Era a droga do machismo  
Pois no Movimento Negro  
Na luta contra o Racismo  
A mulher negra penava  
Enfrentando o sexismo (ARRAES, 2015, p.4).

Existem três palavras fundamentais nessa estrofe, que servem para suscitar constantemente a luta das mulheres na contemporaneidade, palavras que expressam, em seu conteúdo, comportamentos veementemente preconceituosos, promotores de inferiorização e que reprimem a subjetividade identitária do outro, que são: machismo, racismo e sexismo. Ultimamente, essas formas de repressão às mulheres, que afirmam uma identidade racial e que possuem uma orientação sexual que não seja heterossexual, se encaixam nas barreiras enfrentadas pelo Feminismo, pelo movimento LGBT\* e demais grupos sociais que lutam por políticas públicas para superar os desafios impostos pelos preconceitos e pela falta de assistência do Estado em crise capital.

O machismo é uma forma de repressão violenta contra a mulher porque estabelece padrões normativos patriarcais de submissão desordenada, vitimando as mulheres através de posturas radicais de não aceitação a singularidade do gênero; já o racismo é um tipo de comportamento preconceituoso que atinge violentamente a raça e

---

\* Atual nomenclatura utilizada para designar as orientações sexuais de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. O movimento LGBT no Brasil estrutura-se a partir de meados do século XX, com grandes influências norte-americanas, objetivando assegurar o bem-estar e a preservação dos Direitos Humanos para população citada acima, bem como lutar por políticas públicas que fomentem a maior inserção da população LGBT na sociedade e a diminuição dos preconceitos. Atualmente, contamos com várias vertentes dentro do próprio movimento assim como no Feminismo, optando pela pluralização da sigla que nomeia os movimentos LGBTs. (ROZARIO, 2011).

a ancestralidade racial de um indivíduo e, por fim, o sexismo que é um tipo de discriminação que contrapõe um sexo, gênero ou orientação sexual, reduzindo uma opção sexual ou de gênero como alternativa única de aceitação identitária.

Assim sendo, é impossível dissecar sobre o Feminismo Negro sem falar sobre relações de poder, por dois grandes motivos, por sexo e por raça: a relação de poder para subalternizar o sexo feminino (patriarcalismo/machismo), bem como há relações de poder para subalternizar o negro (racismo); então, temos que desmobilizar o fluxo de ideias que tendem a afirmar que um polo dominador tem o poder deliberado e outro polo dominado é imanentemente dominado. Por isso, existem frentes de resistência formadas pelos movimentos das mulheres lésbicas e dos gays a essa ideologia de uma superioridade e poderio masculinizados na sociedade.

Podemos perceber essa ideologia presente na sétima estrofe do cordel “Feminismo Negro”, na qual o eu-lírico expressa subordinação feminina feita por outra mulher que aparentemente possuía um “pertencimento” à nobreza:

Como esquecer da sinhá  
Vinda lá da Casagrande  
Que findou foi em virar  
Na patroa comandante  
Explorando só a negra  
Se fazendo dominante? (ARRAES, 2015, p.2).

Assim, o eu-lírico associa essa subalternização à memória, como verificamos no verso “Como esquecer da sinhá”, dando a entender que esse processo de inferiorização da mulher está atrelado à história, marcado pelo não esquecimento. É um não esquecimento duplo: não sai da memória o executor da subalternização e o processo propriamente dito; esse é bem pior, porém, não menos inglório que uma mulher explorar outra, usando como argumento a negritude para inferiorizar.

O ponto chave no cordel de Jarid é a representatividade da mulher negra, já que havia e há uma persistência de dar vislumbre ao protagonismo das mulheres brancas, principalmente, se essas forem reconhecidas política e culturalmente na sociedade. Assim, a barreira a ser enfrentada era dentro do próprio movimento feminista, que trazia em seu corpus os nomes de mulheres brancas. Subalternizar as mulheres pela cor de pele ou demonstrar preconceito de cor é uma forma de reprimir a dignidade da pessoa humana, bem como uma agressão a identidade subjetiva da mulher, que se assume enquanto tal. Vejamos o que diz o cordel:

Só tinha um problema  
 Complicado de enfrentar  
 Pois o tal de Feminismo  
 Teimava em representar  
 Só as brancas estudadas  
 Sem do racismo lembrar (ARRAES, 2015, p.1).

Há um protesto velado aqui nessa estrofe, porque não é apenas uma luta pelo protagonismo feminino apenas, mas uma luta contra qualquer forma de agressão aos direitos de igualdade entre os sexos, entre as raças, é uma forma de reivindicar a inaceitação das mulheres negras pelas próprias feministas racistas, que ignoravam a militância, representatividade e visibilidade das mulheres negras. O verbo “teimar” no quarto verso dessa estrofe carrega uma carga semântica de costume, de uma repetição exaustiva da ação de representar sempre e majoritariamente as brancas, porém, não as brancas quaisquer, e sim as brancas estudadas que, embora sendo mulheres, tinha certo vozeamento socioideológico na sociedade, já que eram estudadas.

Finalizamos essa parte do texto, focalizando na necessidade relevante de quebrar o protocolo de notoriedade apenas das mulheres brancas e reivindicar espaço ainda maior para as mulheres negras, principalmente na arte literária, com o empoderamento do discurso e da escrita literária, para serem usados como instrumentos vozeadores da crítica às formas de repressão e violência contra as mulheres negras. Como diz Jarid Arraes:

Para mim, o Feminismo  
 Tem que ser escurecido  
 Tem que ter a negritude  
 Para ser fortalecido  
 Pois o Feminismo Negro  
 Tem assim prevalecido (ARRAES, 2015, p.8).

Quando se alia Feminismo e negritude, as lutas sociais assumem sua perspectiva maior de assegurar direitos e proteção àqueles que erroneamente são marginalizados por um tipo ideologia massificada e alienada; mas, há propósito maior para a negritude: promover a igualdade entre os homens, ou melhor, promover a igualdade entre todos (BERND, 1988, Grifos meus).

Portanto, é interessante ressaltar, nessa finalização, que a própria cordelista em sua produção mostra possíveis meios de minimizar as formas de preconceitos de gênero, orientação sexual, cor ou raça, traçando um percurso de desconstrução do estereótipo de que as mulheres negras têm que, obrigatoriamente, assumir posições sociais subalternas; sendo que, para enfatizar ainda mais a ação de Arraes, temos algumas proposições: “Se

você quer repensar/ Sua ideia de mulheres/ É preciso revisar/ A visão universal/ É preciso abandonar” (ARRAES, 2015, p.6), e também temos: “Outro ponto relevante/ Também posso apresentar/ Que é buscar pela história...” (ARRAES, 2015, p.6 ).

Na verdade, Jarid sugere três atitudes preponderantes: primeiro, o eu-lírico sugere um repensamento na concepção de mulher que temos; em segunda instância, há um convite a abandonarmos a visão universal, estereotipada e masculinizada, e, por fim, convida-nos a consultarmos a história para verificarmos como os fatos históricos mostram o protagonismo das mulheres negras na construção de um ideal coletivo.

Em síntese, essas três atitudes podem diminuir os preconceitos e as violências contra as mulheres negras, nos lares, nos ambientes públicos, nos postos de trabalho, como converge o fragmento abaixo:

Apesar da opressão racista e sexista, a última parte do século XIX foi uma importante era na história das mulheres negras. Francis Ellen Watkins Harper esteve gloriosamente certa quando ela exclamou: “se o século XV descobriu a América para o velho mundo, o século XIX está a descobrir a própria mulher”. O fervor sobre os direitos das mulheres gerados no século XIX continuou no século XX e culminou na ratificação da décima nona emenda em Agosto de 1920 que garantia a todas as mulheres o direito ao voto (HOOKS, 2014, p.122).

Assim sendo, realizamos os enfrentamentos às formas de repressão racistas e sexistas que martirizam as mulheres negras diariamente no Brasil, apresentando as conquistas alcançadas na trajetória de lutas do movimento feminista, como a conquista do voto feminino, a criação das ações afirmativas na década de 90, luta pela anistia política nas décadas de 60 e 70, criação do grupo de feministas pela saúde reprodutiva a partir de 1995. São conquistas pequenas com as demandas repressivas enfrentadas pelas mulheres, mas que não podem ser tidas como irrisórias.

Para tanto, ao vincularmos as produções acadêmicas escritas sobre as mulheres negras às demandas preconceituosas que ainda existem em torno da visibilidade sociopolítica delas, vislumbramos um déficit extraordinário, porque todas as produções acerca dessa temática servem como voz de denúncia e protesto a quaisquer formas de repressão a dignidade das afrodescendentes. Assim, quando optamos por escrever sobre os Feminismos e as Lutas Negras, fizemos tal escolha com o objetivo de contribuir ainda mais com todo aparato bibliográfico que já existe nos espaços acadêmicos.

Analisando nosso problema de pesquisa, chegamos a duas possíveis considerações resultantes do levantamento teórico-bibliográfico que fizemos: em primeiro lugar, os movimentos feministas em todos os vieses são manifestações reivindicatórias dignas e dignificadoras; dignas, porque as violências machistas não deram tréguas e dignificadoras, pois as lutas contrariam as repressões, mostrando que elas acontecem em detrimento à revolta de mulheres conscientes de seus direitos sociais e políticos. Em segundo lugar, as lutas negras são movimentos históricos dignos e dignificadores por duas razões bem básicas: dignos, porque a violência, os preconceitos e as repressões contra negros (as) não findaram em com a promulgação da Lei Áurea (1888) e dignificadores, pois os direitos de dignidade humana que, normalmente seguem a vida em liberdade, continuaram obscuros aos negros.

Em se tratando dos duelos políticos travados pelas mulheres negras no Feminismo Negro serem formas reivindicatórias dignas e dignificadoras, temos a seguinte concepção: A dignidade das manifestações negras contra os preconceitos de cor e as violentas repressões dá-se, majoritariamente, porque esses obstáculos, que ferem a liberdade identitária e de subjetividade étnica, não se extinguiram na possível liberdade da escravidão negra, pelo contrário, esses obstáculos se perpetuam assumindo uma nova roupagem, em um país onde muitos são catequizados por ideologias machistas e racistas, que oprimem a liberdade das mulheres negras, sendo uma maneira de retomar metafórica e historicamente, a mentalidade colonial e escrava. Assim, o Feminismo Negro confere às mulheres afrodescendentes a dignidade libertária que a Lei Áurea aparentou dar, mas que ficou com o conceito de “liberdade pretendida”, ou seja, uma liberdade que não ganhou o status de o negro ser livre verdadeiramente.

Portanto, estamos lutando para que as mulheres negras alcance na história e mentalidade popular, o status de “liberdade legitimamente oferecida” e, assim sendo, diminuiremos os elevados graus de preconceitos com os negros, e mais veementemente, com as mulheres negras, que autoafirmam sua identidade, seu orgulho negro, sua pele negra e, acima disso tudo, sua ancestralidade e alma negras. Os espaços de vozeamento que temos para engajarmo-nos nessa luta com as mulheres negras devem ser utilizados; se o nosso espaço é a mídia, usemo-na; se nosso espaço discursivo é o ambiente acadêmico, façamos dele um lugar de promoção de diálogos construtivistas acerca da notoriedade das lutas negras; não estamos sinalizando doutrinação ideológica, o que queremos salientar é a diminuição das repressões contra as mulheres negras (sem

exceção, quer sejam elas lésbicas, feministas militantes ou não, etc.), que é um fenômeno historicamente comprovado.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biografia da autora e a Literatura de cordel enquanto espaço de protesto cooperam na construção da imagem da mulher negra porque Jarid Arraes é mulher negra, cordelista e feminista, imprimindo esses detalhes na sua criação literária, nas atribuições poéticas do eu-lírico, geralmente feminino e que apresenta relativa afeição pelas lutas e militância das mulheres negras pela satisfação das demandas pretendidas: reivindicação pelo espaço social, igualdade de gênero e construção de sua representatividade. Então, observamos durante as pesquisas que os textos literários de Arraes carregam sua personalidade, como por exemplo, a última estrofe do cordel “Feminismo Negro”, o verso inicia-se com “*Para mim*”.

Os Feminismos e sua história enquanto movimento de mulheres impactou também na escrita de Jarid, bem como nas expressões poéticas do eu-lírico, para a construção da representatividade feminina; isso é tão notório que quase sempre a autora está recorrendo à História do Feminismo Negro para explicar aos seus leitores o título e o conteúdo do cordel, porque é através da História do movimento que ela encontra os estereótipos das heroínas negras (no caso do cordel em análise, a escritora cita Luiza Mahin, Dandara dos Palmares, Tia Simoa, Tereza de Benguela, entre outras, que inclusive fazem parte de seus cordéis biográficos) para a construção da imagem da mulher negra.

O próprio texto literário analisado percorre os caminhos de uma construção da representatividade da mulher negra, se valendo da história, de personagens reais, de linguagem marcada de reivindicação (como nas estrofes em que a autora convoca a uma leitura da história, os versos iniciam com oração substantiva subjetiva, sugerindo uma necessidade de o sujeito agir como é dito, com expressões do tipo: “É necessário” e “É preciso”). Portanto, a representação da mulher negra se constrói a partir da confluência dos três eixos: a biografia da autoria e a literatura de cordel, os feminismos e sua história e pelos próprios mecanismos linguísticos, textuais e lógicos do poema.



## REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Dora: A negra e Feminista**, 2014.

ARRAES, Jarid. **Feminismo Negro**, 2015.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERND, Zilé. **O que é Negritude**. São Paulo: Editora brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 49ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CARVALHO, R. A. ROCHA, S. P. **Feminismo Negro na Paraíba: um histórico das celebrações do 25 de Julho - dia das mulheres negras na América Latina e no Caribe**. Recife: UFRPE, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1903/783>. Acesso em: 23 de Jul. 2017.

COELHO, Andreza Maria Sá. GOMES, Sansarah da Silva. O Movimento Feminista Negro e suas particularidades na Sociedade brasileira. **In: VII Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Anais... UFMA, 2015.

CORDEIRO, H. F. C. BARBOSA, J. C. **A Escrita negra, feminina e lesboafetiva de Conceição Evaristo no conto Isaltina Campo Belo**. Bahia: UNEB, 2015. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/comunicacaooralhildaliafernandes.pdf>. Acesso em: 25 de jul. 2017.

COSTA, Ana Alice A. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **In: Gênero**. Niterói, v.5, n.2, p.9-35, 2005.

COSTA, Ana Alice A. SARDENBERG, C. M. B. (orgs.). **O Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2008. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>. Acesso em: 01 de Mar. 2017.

COSTA, Juliana Cristina. **O verso e o protesto: a poesia contemporânea como reivindicação sociopolítica**. Brasília: 2017. Disponível em: <http://www.brazilianstudies.com/ojs/index.php/jangada/article/view/46/41>. Acesso em: 25/07/2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

DIAS, J. C. T. “Aos caprichos do Amor” – poesia e erotismo de Gilka Machado. **In: IV Colóquio de História: abordagens interdisciplinares sobre História da Sexualidade**

Pernambuco: UNICAP, 2010. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.90.pdf>. Acesso em: 23 de jul. 2017.

GONZALEZ, Lélia. HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

HOOKS, Bell. **Não sou uma mulher**. São Paulo: Plataforma Gueto, 2014.

LUCENA, Bruna Paiva de. **Espaços em disputa**: o cordel e o campo literário brasileiro. (Dissertação). Brasília: UnB, 2010. 88p. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp145509.pdf>. Acesso em: 23 de jul. 2017.

MENDES, A. C. D. Eco e Memória: “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo. In: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. UEL, v.17, p.113-122, 2009. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol17A/TRvol17Aj.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Aj.pdf). Acesso em: 23 de jul. 2017.

NICHNIG, Claudia Regina. **Resistência e Opressão**: a segunda onda feminista no Brasil e as alterações no direito das mulheres. Santa Catarina: UFSC, 2007. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-108/815.pdf>. Acesso em: 23 de jul. 2017.

PINTO, Regina Céli. O Feminismo bem-comportado de Heleieth Saffioti (presença do Marxismo). In: **Revista Estudos Feministas**. V.22, n.1, p.321-333, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v22n1/17.pdf>. Acesso em: 23 de jul. 2017.

ROZARIO, E. S. B. Movimento LGBT e lutas por Políticas Públicas: conquistas, desafios e lutas sociais LGBT. In: **V Jornada Internacional de Políticas públicas**: Estado, desenvolvimento e crise do capital. Maranhão: UFMA, 2011. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/QUESTOES\\_DE\\_GENERO\\_ETNIA\\_E\\_GERACAO/MOVIMENTO\\_LGBT\\_E\\_LUTAS\\_POR\\_POLITICAS\\_PUBLICAS\\_CONQUISTAS\\_DESAFIOS\\_E\\_LUTAS\\_SOCIAIS\\_LGBT.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUESTOES_DE_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/MOVIMENTO_LGBT_E_LUTAS_POR_POLITICAS_PUBLICAS_CONQUISTAS_DESAFIOS_E_LUTAS_SOCIAIS_LGBT.pdf). Acesso em: 25 de jul. 2017.

SOARES, Vera. **Muitas faces do Feminismo no Brasil**. São Paulo: USP, 1995. Disponível em: <https://cbd0282.files.wordpress.com/2014/05/feminismonobrasil.pdf>. Acesso em: 22 de jul. 2017.

SOUZA, Florentina. LIMA, Maria Nazaré. **Literatura Afro-Brasileira**. Brasília: Centro de Estudos Afro-Ocidentais (CEAO)/ Fundação Cultural Palmares, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Larissa A. **A Literatura de Cordel no Brasil**: os folhetos e a função circunstancial. Brasília: UNICEUB, 2008, 43p. Disponível em:

<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1840/2/20513195.pdf>. Acesso em: 27 de mar. 2017.